

Lisa
Kleypas
DESEJO
SUBTIL

Tradução de
Cláudia Ramos e Helena Ramos

Prólogo

Londres, 1841

Mesmo tendo sido toda a sua vida advertida para não aceitar dinheiro de estranhos, um dia houve em que Annabelle abriu uma exceção... depressa compreendendo por que razão deveria ter seguido o conselho de sua mãe.

Era um daqueles raros períodos de férias escolares do seu irmão Jeremy e, como já era hábito, ele e Annabelle tinham saído para assistir ao mais recente espetáculo de diorama¹ de Leicester Square. Tinham sido necessárias duas semanas de dramática poupança no orçamento familiar para ela conseguir amearhar o dinheiro suficiente para os dois ingressos. Na qualidade de *derradeiros descendentes da família Peyton*, Annabelle e o irmão mais novo sempre haviam sido invulgarmente íntimos, não obstante a diferença de dez anos que os separava. As duas crianças que se seguiram ao nascimento de Annabelle, Deus e as doenças da infância levaram-nas, nenhuma delas sobrevivendo sequer ao primeiro aniversário.

– Annabelle – disse Jeremy, regressando da bilheteira –, restou-te mais algum dinheiro?

Ela abanou a cabeça e olhou o irmão, surpreendida:

– Temo que não... Porquê?

Com um suspiro triste, Jeremy afastou da testa uma madeixa cor de mel:

– Duplicaram o preço dos ingressos. Parece que esta produção lhes resultou bem mais onerosa do que o esperado.

– O anúncio no jornal não referia nada sobre isso – indignou-se Annabelle. – Que maçada...

Abriu o cordão da bolsa, na vã esperança de aí encontrar alguma moeda perdida.

Do alto dos seus doze anos, Jeremy lançou um olhar carrancudo ao cartaz que havia sido pendurado lá no alto, entre as colunas de entrada do teatro... A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO: UM ESPETÁCULO DE MÁXIMA ILUSÃO COM VISTA EM DIORAMA. Desde a sua estreia, há duas semanas, o espetáculo já havia sido assistido por milhares de visitantes, ansiosos por experimentarem «ao vivo» as maravilhas do Império Romano e da sua trágica queda: «é como recuar no tempo!» – exclamavam à saída. Este tipo de espetáculo consistia numa tela disposta numa sala curva, rodeando os espectadores de um cenário intricadamente pintado. Por vezes era associada música e efeitos especiais para um resultado ainda mais estimulante, enquanto um orador se ia movendo em torno do círculo para descrever locais longínquos ou batalhas famosas.

Segundo o que Annabelle lera no *Times*, esta produção tinha «vista diorâmica», o que significava que a tela era feita de uma chita lubrificada transparente, iluminada pela frente e por vezes por trás com luzes especialmente filtradas para o efeito. Trezentos e cinquenta espectadores posicionavam-se de pé numa plataforma giratória ao centro da sala, operada por dois homens para que todo o público fosse rodando lentamente ao longo do espetáculo. A interação das luzes, dos filtros e dos vidros espelhados com os atores contratados como romanos beligerantes resultava num efeito a que fora dado o nome de «exposição animada». Pelo que Annabelle lera, os exaltantes momentos finais do simulacro de um vulcão eram de tal forma realistas que muitas senhoras da assistência gritavam e desfaleciam.

Tirando a bolsa das mãos da irmã, Jeremy atou-lhe o cordão e devolveu-lha:

– Deixa... Temos o suficiente para uma entrada – afirmou com total naturalidade. – Vai tu. Eu nunca tive grande vontade de ver o espetáculo.

Sabendo que o irmão mentia, Annabelle abanou a cabeça:

– De modo algum. Vais *tu*. Eu poderei assistir ao espetáculo em qualquer ocasião, ao passo que tu... dedicas todo o teu tempo à escola. Além de que dura apenas quinze minutos, e eu contento-me de bom grado com uma visita a uma loja das redondezas, enquanto assistes ao espetáculo.

– Visitar lojas sem dinheiro? – indagou o rapaz, os olhos azuis carregados de dúvida. – Que divertido...

– O objetivo único de irmos às compras é o de olhar as vitrinas, não de comprar.

Jeremy soltou uma gargalhada:

– Isso é o que os pobres dizem para se consolarem quando percorrem a Bond Street. Além de que eu não te deixaria a passear sozinha – num minuto terias metade da população masculina atrás de ti.

– Deixa de ser tonto – murmurou Annabelle.

O irmão sorriu-lhe, percorrendo-lhe com o olhar o rosto perfeito, os magníficos olhos azuis, as pontas dos delicados caracóis castanhos e dou-rados cuidadosamente apanhados e que o espreitavam sob a aba do elegante chapéu.

– E tu deixa-te de falsas modéstias. Sabes bem o efeito que causas nos homens e, que eu saiba, não costumavas hesitar em fazer bom uso dele.

Annabelle reagiu à provocação do irmão com uma expressão preten-samente arrelviada:

– «Que tu saibas?» Ora... que sabes tu das minhas relações com o sexo forte, se passas a maioria do teu tempo na escola?

Jeremy assumiu uma expressão séria.

– Isso vai mudar – disse. – Não conto voltar para a escola, desta vez. Posso ajudar-vos bem mais, a ti e à Mamã, se arranjar um trabalho.

Ela abriu os olhos de espanto:

– Jeremy, nem sonhes com uma coisa dessas. Darias um enorme des-gosto à Mamã, e se o Papá fosse vivo...

– Annabelle – interrompeu-a ele num tom suave –, nós não temos dinheiro. Nem sequer conseguimos poupar uns míseros cinco xelins a mais para podermos desfrutar de um momento de lazer.

– E que belo trabalho tu arranjarias, maninho – disse ela, sarcástica. – Sem instrução, e sem conhecimentos... A não ser que tenciones ser um moço de recados ou um varredor de ruas, o que tens a fazer é prosseguir com os estudos até te veres capacitado para seguires um ofício digno. Até lá, tenciono conhecer um cavalheiro decente e *muito rico* que me peça em casamento – e aí sim, a vida correr-nos-á de feição.

– Sem dote jamais arranjarás marido, sabe-lo bem – retorquiu o rapaz.

Proseguiram com aquilo até que as portas do velho teatro se abri-ram e a multidão avançou e passou por eles, dirigindo-se ansiosamente

para a entrada. Jeremy colocou um braço protetor em torno da irmã e conduziu-a para longe do amontoado de curiosos.

– E se esquecêssemos o diorama? – sugeriu alegremente. – Faremos outra coisa qualquer, algo divertido... e de graça.

– Como por exemplo?

Ficaram ambos a matutar. Quando se tornou evidente que nenhum deles conseguia apresentar uma única sugestão que fosse, romperam a rir à gargalhada.

– *Master* Jeremy – ouviram uma voz cava atrás deles.

Ainda a rir, Jeremy voltou-se para o estranho:

– Mr. Hunt – exclamou empolgado, estendendo-lhe a mão. – Surprende-me que se recorde de mim.

– Digo o mesmo! Cresceu imenso desde a última vez que o vi – disse ele apertando-lhe a mão. – Numa pausa da escola, presumo?

– Sim, senhor.

Reparando na expressão algo desconcertada da irmã, Jeremy segredou-lhe algo, enquanto o jovem alto que Annabelle desconhecia fazia sinal aos amigos para que entrassem no teatro sem ele.

– Mr. Hunt é o filho do açougueiro – sussurrou Jeremy ao ouvido dela. – Conhecemo-nos quando a Mamã me mandava levantar-lhe as encomendas. Sê simpática, que ele é cavalheiro de muitas posses.

Algo impressionada, Annabelle não conseguiu deixar de considerar que Mr. Hunt se vestia com extraordinária elegância para um simples filho de talhante. Envergava um elegante casaco preto e aquele novo estilo de calças de corte mais solto e folgado que, curiosamente, não disfarçavam as linhas esbeltas e poderosas do corpo que as vestia. Tal como a maioria dos cavalheiros que entravam no teatro, Mr. Hunt tinha já retirado o chapéu, exibindo uma soberba melena escura, bem cuidada e ligeiramente ondulada. Era um homem alto e de ossos largos, rondaria os trinta anos e tinha feições fortes, um nariz pleno de personalidade, boca larga e olhos tão negros que se tornava impossível distinguir-lhes as íris das pupilas. Um rosto profundamente masculino, com um toque de sarcasmo no olhar e um esgar de malícia na boca que nada deviam à frivolidade. Era mais do que notório que este homem nada tinha de ocioso, o corpo firme e a atitude determinada dando mostras de uma vida de trabalho árduo e ambição desmedida.

– A minha irmã, Annabelle Peyton – disse Jeremy. – Mana, deixa-me que te apresente... Mr. Simon Hunt.

– É um grato prazer – murmurou Hunt com uma elegante vénia.

Não obstante os seus extremos bons modos, houve qualquer coisa no olhar dele que lhe provocou um estranho arrepio. Annabelle fez-lhe um breve aceno de cabeça e, sem saber muito bem porquê, deu por si a recuar para o aconchego seguro do braço do irmão. Para seu extremo desconforto, ela deu por si a não conseguir afastar o olhar do dele. Parecia que uma subtil corrente de apreciação os unia... Não como se já se conhecessem... antes como se já se tivessem aproximado inúmeras vezes até que finalmente, o Destino, já impaciente, forçasse os seus caminhos a cruzarem-se. Uma inquietante atração, à qual Annabelle parecia não conseguir resistir. Deixou-se ficar, apoquentada, cativa do seu olhar intenso, até sentir as faces escaldantes e ruborizadas.

Hunt dirigiu-se a Jeremy, sem contudo desviar o olhar dela.

– Permitem que vos acompanhe até à entrada?

Instalou-se um desconfortável momento de silêncio, antes de o rapaz conseguir responder com fingida despreocupação:

– Obrigado, mas acabámos de decidir não assistir ao espetáculo.

Hunt ergueu um sobrolho:

– Deveras? Promete ser excelente, dos melhores até hoje.

O seu olhar intuitivo passou do rosto de Annabelle para o de Jeremy, estudando-lhe os indícios que revelavam desconforto. Ao dirigir-se-lhe, a voz suavizou-se:

– De facto, ditam as regras que não se deve discutir estas questões na presença de uma senhora, mas não posso deixar de me perguntar, *master* Jeremy... terão sido surpreendidos pela súbita alteração no preço dos ingressos? Se foi esse o caso, terei o maior prazer em disponibilizar-lhe o dinheiro em falta para...

– Creia-me muito agradecida, mas não – interrompeu-o Annabelle, espetando o cotovelo nas costelas do irmão, que se retraiu de dor.

– Aprecio a sua gentil oferta – disse ele, fixando o rosto inexpugnável de Hunt –, mas a minha irmã não...

– Não desejo assistir ao espetáculo – interrompeu Annabelle friamente. – Soube que muitos dos efeitos são violentos e perturbadores para as senhoras. Prefiro sem dúvida um tranquilo passeio pelo parque.

Hunt olhou-a de novo, com uma mal contida expressão trocista:

– É assim tão assustadiça, Miss Peyton?

Arreliada pela súbita provocação, Annabelle apertou com insistência o braço do irmão:

– Devíamos ir indo, Jeremy. Não queremos atrasar mais Mr. Hunt, uma vez que demonstra um tal entusiasmo pelo espetáculo, não é assim?

– Creia que o meu entusiasmo esmoreceu sobremaneira... – declarou em tom grave – ... uma vez que não poderei contar com a vossa companhia. – E lançou a Jeremy um olhar encorajador: – Seria lamentável se, por questão de uns meros xelins, se vissem privados de uma bela tarde recreativa.

Presentindo o irmão a fraquejar, Annabelle sussurrou-lhe severamente ao ouvido:

– Não ouse deixá-lo pagar-nos os ingressos, Jeremy!

Ignorando-a, o rapaz dirigiu-se com toda a sinceridade a Hunt:

– Mr. Hunt, caso aceitemos o seu gentil empréstimo, temo não poderemos garantir-lhe um rápido reembolso.

Embaraçadíssima, Annabelle fechou os olhos, deixando escapar um gemido surdo. Esforçava-se tanto para não deixar que estranhos se apercebessem das suas dificuldades... Só de pensar que este homem pudesse sentir a importância que tinha cada xelim no seu orçamento familiar deixava-a desesperada.

– Ora, não há qualquer urgência – ouviu Hunt declarar com grande à-vontade. – Basta-lhe passar pelo estabelecimento de meu pai, na sua próxima pausa escolar, *master* Jeremy, por quem é...

– Muito bem, então – disse Jeremy, satisfeito, selando a negociação com um aperto de mão. – Fico-lhe extremamente grato, Mr. Hunt.

– Jeremy... – começou Annabelle num tom tão suave quanto gélido.

– Peço-vos que, assim sendo, me aguardem um momento – proclamou Hunt, dirigindo-se sem mais demoras ao guiché da bilheteira.

Annabelle olhou severamente o rosto impenitente do irmão:

– Jeremy, bem sabes que não é decente aceitarmos o dinheiro deste homem! Como pudeste fazer tal coisa? Não é de modo algum apropriado, e só a ideia de me ver em dívida para com um fulano destes é para mim intolerável!

– Mas... que *fulano destes*, Annabelle? – perguntou o rapaz em tom inocente. – É um indivíduo de posses, como te disse... Ah, talvez te deixe arreliada o facto de ele pertencer a uma classe inferior? É disso que se trata? – Um sorriso formou-se-lhe nos lábios. – Lamento dizer-to, mas não podes dar-te ao luxo de tais preconceitos, mana... Sobretudo tratando-se de um homem tão *obscenamente* rico. E tu e eu não pertencemos propriamente à mais distinta nobreza, recordas-te? Digamos que... oscilamos perigosamente num ramo baixo da árvore social, o que significa que...

– Como pode o filho de um açougueiro ser tão *obscenamente* rico? – indagou ela. – A não ser que a população londrina se encontre a consumir bastante mais carne e bacon do que o habitual nos dias de hoje, um açougueiro não viverá certamente muito à larga.

– E quem te disse que ele trabalhava com o pai? – atirou-lhe Jeremy num tom altaneiro. – Apenas referi que foi lá que o conheci. Mr. Hunt é um empreendedor.

– Queres dizer... um especulador financeiro? – estranhou Annabelle.

Deu por ela a pensar que numa sociedade em que se considerava descortês falar ou sequer *pensar* em assuntos mercantilistas, nada havia de mais grosseiro do que um indivíduo que fizesse *carreira* dos seus investimentos.

– É bastante mais do que isso – observou o irmão. – Mas que te importa a ti o que ele faz, ou que riquezas tem, visto provir de origens humildes?

Sentindo um teor crítico na voz do rapaz, Annabelle olhou-o com desagrado.

– Prezo muito essa tua costela democrática, mano. E não precisas de me tratar como uma snobe presunçosa. Teria tido a mesma reação se um *duque se* tivesse oferecido para nos emprestar dinheiro.

– Mas não com tamanha convicção, aposto – brincou Jeremy, rindo-se da expressão da irmã.

A chegada de Simon Hunt pôs termo à controvérsia. Dirigiu-lhes um sorriso tão gentil quanto divertido e declarou:

– Já está tudo tratado. Vamos entrando?

Annabelle avançou bruscamente, em resposta a uma discreta cotovelada do irmão.

– Por favor, não se sinta obrigado a acompanhar-nos, Mr. Hunt – disse ela, friamente.

Tinha perfeita noção de estar a ser deselegante, mas havia qualquer coisa na atitude daquele homem que lhe bulia com os nervos. Não lhe parecia digno de confiança... Pior ainda, com todo aquele requinte e polidez de modos, não lhe parecia minimamente *civilizado*. Era o tipo de indivíduo com que uma senhora decente jamais se permitiria ficar a sós. E essa sua consciencialização nada tinha que ver com hierarquias sociais – tratava-se sim de um discernimento instintivo de uma carnalidade viril e um temperamento masculino que lhe eram absolutamente estranhos.

– Certamente que quererá juntar-se ao grupo que há pouco o acompanhava?

Ele acolheu aquele comentário com um mero encolher de ombros:

– No meio desta multidão, jamais os encontrarei.

Annabelle poderia ter argumentado que, sendo ele um dos homens mais altos ali presentes, não teria grande dificuldade em localizar os amigos. Contudo, ela sabia que era inútil discutir com ele: teria de assistir ao espetáculo com Simon Hunt sentado a seu lado – não tinha alternativa. Contudo, ao ver o entusiasmo na expressão do seu irmãozinho, o ressentimento esmoreceu-se-lhe e deu por ela a suavizar o tom de voz quando voltou a dirigir-se a Hunt:

– Peço perdão, não pretendi ser rude. Acontece que não me agrada sentir-me *obrigada* para com um estranho, só isso.

– Um sentimento que não só entendo como subscrevo, Miss Peyton – disse ele, conduzindo-a cortesmente através da multidão. – Contudo, não existe neste caso qualquer espécie de obrigação. Além de que não somos propriamente *estranhos*, não será assim? A sua distinta família sempre foi cliente regular da minha – e já de há largos anos para cá.

Entraram no imenso teatro circular e subiram para uma ampla plataforma redonda, protegida a toda a volta por um corrimão de ferro. Rodeava-os uma desmesurada paisagem da Roma antiga pintada numa tela, meticulosamente trabalhada, e com um fosso de onze metros separando a tela do rebordo da plataforma. Esse fosso era preenchido por uma complexa maquinaria – alvo imediato de entusiasmados comentários por parte da assistência. Assim que o público ocupou a totalidade da plataforma, a sala mergulhou na total escuridão, provocando arquejos e gritinhos de excitação. Sob um suave ronronar da engrenagem, e um

fulgor de luz azulada vinda de trás da tela, a paisagem adquiriu uma tal dimensão, e uma tamanha sensação de realismo, que deixou Annabelle extasiada. Quase se sentiu iludida pela ideia de se encontrar em plena Roma ao meio-dia. Surgiram alguns atores de togas e sandálias, enquanto um narrador dava início a um empolgante relato da história da Roma antiga.

O espetáculo resultou ainda mais arrebatador do que Annabelle tinha esperado. Ainda assim, não conseguiu abstrair-se de tudo o resto e envolver-se naquele panorama – estava demasiado consciente do homem sentado a seu lado. E tão pouco a ajudou o facto de, a dada altura, ele lhe ter murmurado ao ouvido um comentário totalmente *inapropriado*, repreendendo-a em tom de brincadeira pelo seu visível interesse pela meia dúzia de homens semidespidos à sua frente. Por mais que Annabelle tivesse querido conter-se, não conseguiu evitar soltar uma gargalhadinha – que lhe valeu o olhar reprovador das pessoas à sua volta. E depois disso, é bom de ver, Hunt repreendeu-a por se estar a rir sobre o relato do narrador – o que só a fez rir-se ainda mais. Jeremy parecia demasiado absorto pelo espetáculo para reparar nas diabruras de Hunt, e Annabelle viu-o a esticar ao máximo o pescoço delgado, tentando perceber que máquina produzia qual efeito.

Hunt calou-se por fim. Até que, na sequência de um ligeiro problema técnico no sistema de rotação, a plataforma sofreu um safanão, fazendo com que algumas pessoas se desequilibrassem – de entre elas, a própria Annabelle que se viu subitamente amparada pelo peito de Hunt. Ele soltou-a assim que a viu recuperar o equilíbrio e olhou-a, querendo saber se estava bem.

– Sim – disse ela subitamente sem fôlego. – Peço perdão, mas...

Não conseguiu acabar a frase, sentindo-se inundada por uma vaga de calor que a silenciou. Nunca em toda a sua vida se recordava de sentir tal reação a um homem. Tudo o que aquele impetuoso sentido de urgência despoletava nela – e o ignorar de que forma satisfazê-lo – encontrava-se muito para além do seu conhecimento. Tudo o que sabia era que, por um fugaz momento, tinha querido desesperadamente ficar ali, nos braços dele, de encontro a um corpo tão firme e disponível, tão absolutamente invulnerável, proporcionando-lhe um porto de abrigo ao sentir o chão fugir-lhe dos pés. Aquele seu cheiro... Um odor a *pele masculina limpa*.

O odor do couro do casaco e do algodão da camisa... tudo lhe despertava os sentidos numa expectativa de prazer. Ele era o absoluto oposto dos aristocratas com cheiro a colônia e brilhantina que ela se esforçara por atrair para a sua teia nas duas temporadas passadas.

Profundamente abalada, Annabelle fixou o olhar na tela, não parecendo impressionar-se com as flutuações de luz e cor que agora transmitiam a ideia de um cair da noite... o crepúsculo do Império Romano. O próprio Hunt parecia igualmente indiferente ao espetáculo, a cabeça inclinada para ela, o olhar preso ao seu. Não obstante a respiração dele lhe parecer regular, Annabelle pressentiu-lhe uma ligeira alteração no ritmo cardíaco.

Ela humedeceu os lábios secos.

– O senhor não deve... fixar-me dessa forma.

Por ténue que fosse o seu murmúrio, ele ouviu-o.

– Com a sua presença a meu lado nada mais me parece merecedor de um olhar.

Ela não se moveu, nem emitiu qualquer som, fingindo não ter ouvido o *sussurro do diabo*, sentindo o coração descompassado e os dedos dos pés a encarquilharem-se dentro dos sapatos. Como podia uma coisa destas estar a acontecer, num teatro apinhado de gente e com o irmão colado a ela? Fechou os olhos por um breve momento – para controlar uma tonitura que nada tinha que ver com o girar da plataforma.

– Olha! – disse Jeremy, acenando-lhe freneticamente. – Estão prestes a exhibir os vulcões.

Subitamente, a sala mergulhou numa escuridão total, enquanto um inquietante ribombar se soergueu de debaixo da plataforma. Ouviram-se gritinhos de alarme, risadinhas nervosas e sufocadas exclamações de expectativa. Annabelle sentiu um arrepio na espinha ao reconhecer o suave roçar de uma mão pelas suas costas. A mão *dele* subindo-lhe pela espinha com lenta deliberação... o seu cheiro, fresco e sedutor, enchendo-lhe as narinas... e antes que ela pudesse dizer uma palavra, a boca dele possuiu a sua, num beijo cálido e apenas *levemente* arrebatador. Sentiu-se demasiado atordoada para se mover, com as mãos no ar como borboletas suspensas em pleno voo, o corpo oscilante ancorado pela mão dele na sua cintura, enquanto a outra lhe afagava a nuca.

Não era a primeira vez que Annabelle era beijada, evidentemente. Variados jovens lhe haviam já roubado um beijo, aquando de um passeio pelo jardim, ou a um canto da sala de estar onde não pudessem ser observados. Mas nunca nenhum desses insinuantes e breves encontros lhe haviam provocado uma tal sensação... um beijo tão lento e estonteante que a enchia de total delírio. As sensações não paravam de a ensombrar, demasiado fortes para suportar, e ela deixou-se abandonar, impotente, ao seu abraço. Por puro instinto apenas, entreabriu cegamente os lábios, sentindo a pressão dos dele exigindo uma reação, numa voluptuosa exploração que lhe deixou a alma a arder.

No momento em que Annabelle começara finalmente a perder toda a sanidade, a boca dele soltou-se da sua com uma impetuosidade tal que a deixou zonza. Sem retirar a mão da maciez do pescoço dela, Hunt baixou ligeiramente a cabeça enquanto um murmúrio de arrependimento encheu os ouvidos de Annabelle:

– Perdoe-me... não consegui resistir.

Retirou de imediato a mão das costas dela, e quando finalmente uma luz filtrada a vermelho invadiu a sala, ele tinha já desaparecido.

– Olha-me bem para isto! – ouviu a voz entusiasmada de Jeremy bradar, apontando o simulacro de um vulcão à frente deles, a lava incandescente começando a brotar das extremidades. – É incrível!

Reparando que Hunt já não estava presente, estranhou.

– Para onde foi Mr. Hunt?... Suponho que a reunir-se aos amigos?

E com um encolher de ombros regressou à empolgadíssima observação dos vulcões, contagiando todos quantos o rodeavam com o seu entusiasmo.

Ainda estarrecida e muda de espanto, Annabelle perguntou-se se aquilo que julgou ter sucedido teria de facto sucedido. Certamente que não fora beijada em pleno teatro por um perfeito estranho. E beijada *daquela* maneira...

Enfim, que outra coisa poderia ela esperar de um cavalheiro abastado que acabara de lhe pagar os ingressos? Esse tipo de coisas dava-lhes legitimidade para se aproveitarem dela. Mas o comportamento *dela*... meu Deus! Perplexa e envergonhada, Annabelle esforçou-se por compreender por que razão permitira a Mr. Hunt tê-la beijado. Tinha de ter protestado, de tê-lo rechaçado. Ao invés, tinha-se limitado a ficar ali, assim,

num atordoamento irracional, enquanto ele... oh, só a simples recordação a deixava transida. Não era sequer relevante *como e por que razão* Mr. Hunt tinha logrado abalar-lhe as suas tão bem erigidas defesas. A verdade é que tinha... e, por isso mesmo, ele passara desde logo a ser um homem a evitar a todo o custo.